



#Rio2016

“Tira das Olimpíadas e investe na minha escola”. Estudantes denunciam inversão de prioridades no Rio Olímpico

Originalmente publicado no [Medium](#), em 1 de junho de 2016

Autoria de Thiago Mendes / Instituto PACS



“Mais Educação. Menos Cortes”. “Para a educação precarizada, escola ocupada”. No mote das reivindicações dos estudantes, eles e elas mostram que entendem de orçamento. Foto: Thiago Mendes/Pacs

O Estado do Rio de Janeiro atravessa uma grave crise fiscal, com impactos no orçamento público e cortes nas áreas de saúde, educação e assistência social. Diariamente a imprensa local noticia a falta de recursos, equipamentos e até de materiais básicos em hospitais. O 13º salário [*salário de Natal*] dos

servidores chegou a ser parcelado em cinco vezes e, nos primeiros meses do ano, funcionários da ativa e aposentados receberam com atraso.

As escolas estaduais, de Ensino Médio, e a maior universidade pública do Estado, a Uerj, estão paradas desde março deste ano. A menos de dois meses da abertura de Olimpíada e em uma conjuntura de insatisfação nacional com o governo golpista do presidente interino Michel Temer, os estudantes do Rio têm dado aula de luta, organização e resistência.

Unidos contra a precarização do ensino, a falta de democracia direta na comunidade escolar, entre outros pontos, estudantes das escolas públicas começaram, no início do ano, um movimento de ocupação de dezenas de escolas no Rio e Região Metropolitana. A ideia surgiu no ano passado nas escolas de São Paulo e, no Rio, a ocupação se estendeu à sede da Secretaria Estadual da Educação, de onde os estudantes foram expulsos pela polícia militar no último dia 21/05 com uso de spray de pimenta. Eles voltaram a ocupar a Secretaria no dia 30/05.

Os estudantes passam o dia nas escolas, mesmo sem aulas desde março. Divididos em comissões, eles cozinham, acampam e organizam atividades culturais, debates e atos nas ruas para sensibilizar a população, que tem apoiado com doações. Nem mesmo o corte do vale-transporte gratuito desmobilizou o movimento de ocupação e o governo voltou atrás na medida.



Na entrada da Escola Amaro Cavalcanti, estudantes mandam recado claro de crítica aos gastos olímpicos. Foto: Thiago Mendes/Instituto Pacs

Maria Eduarda Cunha, de 16 anos, estudante da escola Amaro Cavalcanti explica que na ocupação os estudantes assistem a palestras e exibição de filmes, discutem temas tabus e que estão fora dos currículos escolares: gênero, sexualidade e drogas, por exemplo. Tudo em um “papo aberto” de jovem para jovem.

“A gente vê que a prioridade não é saúde, educação, emprego para o trabalhador que está sendo demitido. A gente vê que a prioridade é abrir o Rio de Janeiro para gringo ver, com essas coisas como o VLT [Veículo Leve sobre Trilhos]. E a gente que mora aqui, que estuda aqui? Não tem climatização, não tem água [na escola]. Quando tem é quente e suja. É desrespeito. É uma vergonha para o próprio governador, que vive nessa cidade escondida debaixo de um pano. Quem vem de fora vê todo um teatro. Quem está atrás [do pano] está sofrendo”, resume Eduarda.

Veja [aqui](#) o vídeo em que os estudantes relacionam a crise na educação pública do Rio com os gastos com a Olimpíada.

Nas escolas, além da falta de água e ar-condicionado, os alunos reclamam do autoritarismo da direção, que, no caso da Escola Amaro Cavalcanti, restringia o acesso a uma biblioteca e a livros didáticos, segundo denunciam os alunos. Depois da ocupação, muitos livros foram descobertos amontoados em uma sala. Os professores reclamam do atraso no pagamento, do sistema de avaliação do ensino — feito bimestralmente pelo Governo do Estado — e da falta de dinheiro para manutenção.



A autogestão dá a tônica da organização das escolas ocupadas. Para entrar nos locais de alojamento, por exemplo, a regra acordada é tirar os sapatos. Na Amaro Cavalcanti, o espaço mais democrático de debate permitiu trazer para a escola

discussões sobre justiça de transição [foto 1] e cultura das favelas [foto 2]. Na foto 4, livros didáticos encontrados em uma sala trancada na escola

O poder público estadual que alega não ter verba sequer para consertar equipamentos das escolas é o mesmo que concedeu R\$138 bilhões em isenções fiscais a empresas entre 2008–2013, segundo dados do Tribunal de Contas do Estado (TCE).

O governo do Estado do Rio contraiu R\$35 bilhões em empréstimos desde 2011 e vai pagar, somente em juros, R\$47 bilhões até 2043. O Estado alega ter havido queda nas receitas, o que seria reflexo da desaceleração da economia e da crise no setor de petróleo. O Rio é um grande produtor de petróleo e sede da estatal Petrobras, alvo da operação judicial Lava Jato, que tem mexido com o cenário político do País.

"Trancaço" (assista ao vídeo no youtube [clikando aqui](#)). Uma das estratégias de sensibilização mais ampla para divulgar a precarização das escolas tem sido os "trancaços", momento em que os estudantes fecham cruzamentos para protestar e informar a população sobre o descaso com a educação pública.

A professora Lenir Jane, da Escola Amaro Cavalcanti, apoia o movimento dos alunos e diz que o projeto de privatização das escolas, por meio da precarização, é um projeto antigo dos governos.

"Eles tem que fazer, lutar e mostrar para as pessoas, porque se ficar só dentro das escolas, as pessoas não vão saber o que está acontecendo. O aluno que participa da ocupação começa a ter outra visão da escola", compara Lenir. Segundo ela, os

educandos passam a ver o ambiente escolar de outro modo, identificando necessidades da escola e dos professores.

A comissária de bordo aposentada Edi Jaci de Oliveira, que acompanhou um dos “trancaços”, apoia a manifestação dos estudantes e a busca por direitos.

“Não existe democracia quando não existe educação. A educação é primordial. Sem educação não se tem nada, não se tem consciência, a gente não sabe que caminho tomar. Isso não se pode tirar desses jovens”, avalia ela.

Ainda segundo ela, deveria haver prioridade para a educação no orçamento. “Eu não sou contra as Olimpíadas. Amo esportes. Mas você tem que priorizar as coisas. Primeiro foi a Copa do Mundo, que foi um vexame, uma palhaçada. Agora Olimpíadas. E o povo sangrando. Como pode isso? Não pode. O povo não vai deixar”, avalia.



Governo do Estado reclama de queda na arrecadação, mas dinheiro para repressão não faltou para o orçamento de 2016. Fonte: Instituto Pacs. Leia mais aqui: http://www.pacs.org.br/files/2016/03/Rio-de-Gastos_impress%C3%A3o.pdf

Todo o conteúdo do Pacs está publicado sob a Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil exceto quando especificado em contrário e nos conteúdos replicados de outras fontes. Todos os textos e fotos do Instituto podem ser

reproduzidos sem necessidade de autorização prévia, desde que citado o Pacs como fonte. O Pacs agradece a Caio Barbosa/Ecoar Comunicação pela captação das imagens e edição do vídeo que abre a matéria.



As ocupações permitem maior coesão na comunidade escolar. Na foto, alunos e professores posam juntos para foto após protesto no Largo do Machado. Foto: Thiago Mendes/Instituto Pacs